

# Pertencer, escapar e resistir: práticas de leitura entre jovens de grupos populares

BELONG, ESCAPE AND RESIST: READING PRACTICES AMONG YOUNG PEOPLE FROM POPULAR GROUPS

└ *Sandra Rúbia da Silva*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7548-5178>

(Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM. Santa Maria – RS, Brasil)

*Andressa Spencer de Mello*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7531-3170>

(Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM. Santa Maria – RS, Brasil)

Recebido em 26/08/2019. Aprovado em 11/03/2020.

## Resumo

Propomos neste artigo discutir os resultados de nossa dissertação. Em nosso estudo, procuramos compreender, por meio de uma etnografia, os usos e práticas de leitura dos alunos de um pré-universitário popular diante das culturas digitais. Portanto, observamos a crescente associação da leitura aos *smartphones* e às mídias digitais e que a leitura mais ampla (realizada no contexto da Internet) se mistura e complementa a leitura tradicional feita a partir dos livros impressos, gerando outras possibilidades de leitura a serem exploradas. A leitura aqui se torna um instrumento capaz de proporcionar pertencimento, resistência e escape.

**Palavras-chave:** Leitura. Culturas digitais. *Smartphones*. Consumo.

## Abstract

In this article we propose to discuss the results of our dissertation. In our study, we sought to understand, through an ethnography, the uses and reading practices of students of a popular pre-university student in the face of digital cultures. Thus, we observe the growing association of reading with smartphones and digital media and this broader reading (carried out in the context of the Internet) mixes and complements the traditional reading done from printed books, generating other reading possibilities to be explored. The reading becomes an instrument capable of providing belonging, resistance and escape.

**Keywords:** Reading. Digital cultures. Smartphones. Consumption.

## Introdução

Com a intenção de compreender as práticas de leitura diante das culturas digitais entre jovens de grupos populares, demos início, em maio de 2017, a uma pesquisa no Pré-Universitário Popular Alternativa em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Em nosso estudo procuramos compreender a leitura em seu sentido mais amplo, entendendo que o ato de ler não está relacionado apenas ao sentido mais tradicional de leitura ligado aos suportes impressos (como livros, jornais e revistas); mas também procuramos levar em consideração a leitura no âmbito digital, a partir de textos lidos em *blogs*, sites ou nas mídias digitais. Desse modo, nossa proposta com este artigo é discutir os resultados de nossa pesquisa de mestrado realizada através de uma etnografia entre o período de 2017 a 2019, conforme discutiremos a seguir.

Nosso campo de pesquisa, o cursinho Pré-Universitário Popular Alternativa, foi criado no ano de 2000 e hoje encontra-se vinculado à Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A iniciativa surgiu a partir de universitários ligados ao movimento estudantil, sendo atualmente liderado por graduandos e pós-graduandos de diversos cursos da universidade. O cursinho visa democratizar o acesso ao ensino superior, auxiliando jovens e adultos, oriundos das periferias urbanas da cidade de Santa Maria, a se prepararem para as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Desse modo, o pré-universitário recebe cerca de 120 alunos por ano, dentre os quais as idades podem variar entre a faixa etária de 16 a 25 anos, recebendo até mesmo alunos com mais de 40 anos.

Ressaltamos que em nossa pesquisa, além de almejarmos compreender as práticas de leitura diante das culturas digitais, procuramos ainda refletir a respeito do papel da leitura como uma importante aliada na construção das subjetividades e identidades pessoais. Ponderamos, entretanto, que não pretendemos trazer um olhar determinista com relação à tecnologia. Ao contrário, entendemos aqui que cada pessoa, diante de seu contexto cultural, social e econômico, consome a leitura de formas diferentes, conforme iremos discutir a seguir.

Por isso, na primeira seção do artigo especificaremos nossas filiações teóricas com relação aos estudos de consumo. Na segunda seção do trabalho iremos expor a importância de situar culturalmente as práticas de consumo em relação aos seus respectivos contextos. Na terceira seção do artigo propomos uma reflexão acerca da importância da leitura

enquanto fomentadora das subjetividades e de novas formas de sociabilidade. Por fim, na última seção discutiremos alguns dos resultados que observamos a partir da pesquisa de campo.

## O potencial criativo do consumo

De acordo com Miller (2007), o consumo pode ser usado para compreender a nossa humanidade. Para o autor, grande parte dos teóricos que escreveu sobre consumo o fez a partir de uma abordagem econômica supondo que esse seria um processo semelhante ao moderno consumo de massa. Esse tipo de abordagem entende o consumo como um perigo, de acordo com Miller (2007), e assim, “o consumo de massa tem sido considerado mais como um mal do que como bem” (MILLER, 2007, p.34).

Ainda, de acordo com Miller (2007), consumir algo está muito atrelado ao consumo material que em nossa sociedade é vista como uma prática superficial, principalmente se a prática estiver relacionada aos grupos populares. O autor indica que muitas religiões pregam o repúdio ao mundo material e ao materialismo e, dessa forma, as origens dos estudos modernos acerca do consumo estão dentro de uma moldura essencialmente moral que condena tais atos. Em oposição à ideia de consumo como algo nocivo, Miller (2007) pontua que o consumo também pode ser benéfico à comunidade e considera que o ato de consumir não poderia ser simplesmente reduzido ao debate sobre ser benéfico ou não. De acordo com a perspectiva histórica do autor, as pessoas sempre consumiram bens produzidos por elas próprias ou pelos outros e que o consumo é uma atividade.

Nesse sentido, Miller (2007) retoma que a perspectiva moderna a respeito do consumo foi influenciada pelo estruturalismo e pela abordagem semiótica, tendo sido revolucionada pelas obras de Pierre Bourdieu e Mary Douglas. Para esses autores, de acordo com Miller (2007), os bens de consumo são pensados como um sistema simbólico, abrindo, portanto, possibilidades para pensar o consumo enquanto formas de ler a própria sociedade. Entretanto, conforme ressalta Miller (2007), foi a partir das pesquisas de Hebdige<sup>1</sup>, que se deu início a uma perspectiva de estudos de cultura material para a compreensão de uma especificidade de uma humanidade inseparável de sua materialidade. Miller (2007) ainda acrescenta que para Hebdige o consumo não se referia apenas a

<sup>1</sup>HEBDIGE, D. Hiding in the light: on images and things. London: Comedia, 1988.

comprar bens, mas também envolvia uma apropriação produtiva e criativa. A perspectiva teórica de Miller (2007) vai ao encontro das ideias propostas por Hebdige, que olha para o potencial criativo do consumo e entende que há muitas maneiras diferentes pelos quais o consumo pode se manifestar enquanto produção de grupos sociais. A abordagem da cultura material nos ajuda a ganhar um senso de humanidade mais rico a partir de seu foco sobre o objeto.

É seguindo a perspectiva de Miller (2007), portanto, que este artigo pretende entender as práticas de consumo e de leitura, pensando na experiência cotidiana dos atores sociais, que vai além do aspecto tecnológico, referindo-se aos usos e às práticas que as pessoas (e neste caso os jovens de grupos populares) fazem a respeito da leitura diante das culturas digitais. Assim, pensamos o consumo como dignidade, enquanto construção de si e das subjetividades. Pretendemos então pensar a leitura enquanto consumo simbólico, pois é através do ato de ler que podemos consumir não somente a palavra escrita, mas também os mais variados sentimentos, emoções e sentidos.

Este trabalho se enquadra dentro dos estudos a respeito dos processos de consumo, enquanto prática cultural. De acordo com a ideia abordada por Silva (2012), referente às ideias de Haddon (2003), compreendemos também aqui a apropriação como um processo de consumo sendo, portanto, entendida como um processo e não como um evento, pois “[...] envolve a dimensão do simbólico e da experiência vivida e, portanto, vai além da mera adoção e uso [...]” (SILVA, 2012). Ao investigar o consumo da leitura pelos grupos populares, entendemos que o contexto social, cultural e econômico são fatores fundamentais para entender as particularidades existentes nas formas de ler. Feitas as considerações iniciais a respeito das correntes teóricas as quais nos filiamos com relação às teorias do consumo, passamos a discutir a importância de situar culturalmente as práticas de leitura.

## A importância de situar culturalmente as práticas de leitura

Não há como dissociar o indivíduo de seu contexto. De acordo com Benkler (2015), nenhum de nós existiria fora da cultura, pois “como indivíduos e atores políticos, entendemos o mundo que ocupamos, o avaliamos e atuamos a partir de um conjunto de interpretações e marcos de sentido que compartilhamos com outros”<sup>2</sup> (BENKLER, 1999,

<sup>2</sup> Tradução nossa para o trecho: “como indivíduos y atores políticos, entendemos el mundo que ocu-

p.320, tradução nossa). Nesse aspecto, diante das culturas digitais, que cada vez mais fazem parte do cotidiano das pessoas, algumas mudanças vêm ocorrendo. Para Benkler (2015), a Internet tem oferecido uma inversão radical à tendência centralizadora das mídias tradicionais, se caracterizando como o primeiro meio de comunicação moderno que expande o seu alcance mediante à descentralização do capital que estrutura a produção e distribuição da informação; e a transformação na produção e distribuição de informação vem acarretando algumas mudanças no modo como conhecemos o mundo e habitamos nele, de acordo com o autor.

Apesar de produzir esses efeitos, Benkler (2015) também considera que a tecnologia não determina a estrutura social, embora alerte que, ainda assim, não podemos pensá-la de uma forma irrelevante. A concepção de Benkler (2015) vai ao encontro das ideias propostas por Jenkins, Green e Ford (2014), autores que nos propõem pensar que o conjunto das práticas sociais e culturais aliadas às inovações tecnológicas constituem a chamada “cultura ligada em rede”. Para os autores, o que muda com as ferramentas sociais são a velocidade e a facilidade com que os conteúdos chegam até os usuários e ainda a visibilidade que essas ferramentas proporcionam.

Nesse sentido, de acordo com Jenkins, Green e Ford (2014), as mídias digitais facilitam muitas coisas, mas não são as responsáveis pelas mudanças ocorridas em sua totalidade, pois “nessa cultura conectada em rede [...] as pessoas tomam uma série de decisões de base social quando escolhem difundir algum texto na mídia” (JENKINS; GREEN; FORD; 2014, p.29). Essa ideia também foi observada por Spyer (2018) por meio do projeto *Why We Post*, coordenado por Daniel Miller. Spyer (2018), ao se inserir no âmbito de uma comunidade popular em Balduíno, percebeu que as mídias sociais traziam algumas mudanças para aquela população (como a inclusão digital por meio de *lan houses* ou a superação de limitações de escrita e leitura), mas também era através das mídias sociais que os moradores de Balduíno refletiam certos padrões, principalmente no que se refere a perspectivas conservadoras e interesses progressistas.

Diante do contexto das culturas digitais, Jenkins (2009) propõe a existência de uma cultura da convergência “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p.29). De acordo com o autor, a convergência define as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais pamos, lo evaluamos y actuamos en élp partir de um conjunto de interpretaciones y marcos de sentido y referencia que compartimos com otros” (BENKLER, 1999, p.320).

e sociais, mas seria esse um processo que ocorre dentro dos cérebros dos consumidores e não por meio de aparelhos. É nesse contexto de convergência midiática que ocorre o que Jenkins (2009) denomina de cultura participativa, para defender a ideia de que o consumo se tornou um processo coletivo – através da inteligência coletiva (termo proposto por Pierre Lévy). Para Jenkins (2009), “nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades. Dessa forma, a inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático” (JENKINS, 2009, p. 30).

Devemos ter cuidado, entretanto, para não supor que os meios mais participativos de circulação sejam explicados exclusivamente pelo surgimento da tecnologia, conforme nos alerta os autores Jenkins, Green e Ford (2014). Ou seja, essa concepção nos propõe pensar que a tecnologia por si só não acarretaria em mudanças sociais, mas talvez represente uma espécie de catalisador (termo oriundo da química para explicar substâncias que modificam a velocidade de uma reação química) que potencializa e em alguns casos até facilita as mudanças ocorridas na sociedade. Nesse aspecto, a propagabilidade (conceito proposto por Jenkins, Green e Ford) que se refere às formas de circulação da mídia e do potencial técnico e cultural do compartilhamento de conteúdos pelos públicos “reconhece a importância das conexões sociais entre os indivíduos” (JENKINS; GREEN; FORD; 2014). Sendo assim, segundo os autores, em nossa cultura conectada as pessoas tomam suas decisões com base em seus contextos sociais e não porque a tecnologia, por si só, lhes impõe alguma mudança.

Miller e coautores (2016), também trazem alguns apontamentos importantes para pensarmos o nosso cotidiano diante das culturas digitais. Os pesquisadores dedicaram-se a compreender como o mundo tem mudado a mídia social (e não o contrário). Em suas investigações, os autores nos mostram através de pesquisas realizadas em diferentes países (cujos contextos são os mais diversos), que a mídia social é o que as pessoas fazem dela; ou seja, as mídias sociais dependem das formas de consumo que lhes são atribuídas. No caso da educação, investigada por Spyer (2018), as mídias sociais tanto poderiam potencializar a educação formal, fazendo com que o ensino ganhasse novos formatos através de aplicativos e mensagens instantâneas, como também poderia fazer com que essas mídias sejam vistas enquanto distração, e até mesmo virem a ser proibidas nos ambientes educacionais, como ocorre de fato em muitas escolas em nosso contexto

brasileiro.

Nos casos observados por Miller e coautores (2016), percebemos que o contexto era muito mais determinante do que a tecnologia em si. Da mesma forma, neste artigo, pretendemos pensar o consumo da leitura e sua relação com as culturas digitais. Afinal, a leitura não foi inventada a partir do surgimento da Internet; embora certamente a tecnologia acarretou implicações significativas para o ato de ler, como a invenção da prensa por Gutenberg no século XV, cujos tipos móveis possibilitaram a reprodução de livros e jornais em uma escala industrial. A leitura, enquanto forma de comunicação, portanto, acompanha e faz parte das civilizações desde quando os seres humanos deixavam registradas suas pinturas e desenhos como formas de representar o mundo nas paredes das cavernas.

A tecnologia digital trouxe implicações significativas para a leitura, no entanto, não devemos ignorar a perspectiva histórica da leitura que historiadores como Chartier (1999) e Fischer (2006), vêm se dedicando a investigar e, assim, entender que o ato de ler também é um ato de consumo e apropriação, que recebe diferentes significados a partir do contexto em que cada leitor se encontra. Dessa maneira, compreender a história da leitura é, antes de tudo, entender as transformações e evolução de uma prática comunicativa que tem acompanhado as mais diferentes sociedades.

Chartier (1999) propõe uma discussão sobre a evolução do livro, desde o leitor da Idade Média até chegar ao leitor navegador. De acordo com o autor, existem algumas semelhanças nas maneiras de ler entre o leitor da tela (do texto eletrônico) com o leitor dos períodos anteriores e, por isso, as características de um tipo de leitor são herdadas e misturam-se com o da geração anterior. De modo semelhante, Santaella (2004), sugeriu a existência de três tipos de leitores: o leitor contemplativo, o leitor movente e o leitor imersivo.

O leitor contemplativo, segundo Santaella (2004), era o leitor meditativo da era pré-industrial que lia livros impressos e imagens expositivas fixas. Já o leitor movente, segundo Santaella (2004), era o leitor do mundo em movimento; leitor de um mundo dinâmico e híbrido; um leitor de misturas híbridas que é filho da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos. Por outro lado, o leitor imersivo surge nos espaços da virtualidade. De acordo com Santaella (2004), o leitor imersivo não “tropeça nem esbarra em signos físicos e materiais”, mas é um leitor que navega em uma tela. A contribuição de Santaella (2004) para nossa pesquisa é pensar que embora pareça que

exista uma sequencialidade histórica no aparecimento desses tipos de leitores, não significa que um exclua o outro, ou nas palavras da autora não significa que “o aparecimento de um tipo de leitor leva ao desaparecimento do tipo anterior” (SANTAELLA, 2004, p. 19). Na perspectiva de Santaella (2004), nada parece ser mais cumulativo do que as conquistas da cultura humana e assim, a autora afirma que há uma convivência e reciprocidade entre os três tipos de leitores, embora as habilidades perceptivas e senso-motoras por eles exigidas sejam distintas.

Para Chartier (1999), a leitura é um processo de apropriação, invenção e produção de significados que gera uma liberdade ao leitor, ou seja, é pensar que cada leitor “para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular” (CHARTIER, 1999, p. 91), pois cada leitor, espectador ou ouvinte “produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe” (CHARTIER, 1999, p.19). Por isso, é importante observar que as transformações das maneiras de ler encontram-se atreladas aos contextos históricos e culturais em que estão inseridas. Assim, é possível observar que, tanto para Chartier (1999) como para Santaella (2004), os leitores passam constantemente por um processo de adaptação.

Para o historiador Fischer (2006) o conceito de leitura é amplo e variável, sendo definido como “a capacidade de extrair sentido de símbolos escritos e impressos” (FISCHER, 2006). Porém, conforme pontua, nem sempre foi esse o sentido atribuído à leitura; em período anterior, ler significava codificar e extrair informações e que somente mais tarde a leitura passou a abarcar significado e interpretação. Segundo Fischer (2006), a leitura é um indicador da nossa humanidade, e por isso, as maneiras de ler seriam o reflexo de nossa sociedade. Fischer (2006) percorre por uma espécie de linha do tempo da história da leitura para que seja possível mostrar as transformações ocorridas nas maneiras de ler. Conforme destaca, “no passado, a comunicação era lenta, imperfeita, restrita e cara. Agora é instantânea, confiável na maioria das vezes, irrestrita e barata” (FISCHER, 2006, p. 279).

O autor (2006) ainda destaca que os leitores que estão por vir, diante das culturas digitais, serão diferentes em muitos aspectos e traz um alento, “todos os **leitores marginalizados** – mulheres, homossexuais, negros, exilados e muitos outros – leem exatamente por esse motivo [...]. A leitura permite às pessoas compartilhar a diferença, **lembra que elas não estão sozinhas**” (FISCHER, 2006, p. 287, grifo nosso). Dessa forma, a seguir abordaremos como o consumo da leitura pode auxiliar na construção



das subjetividades e promover novas formas de sociabilidade, além de representar uma importante ferramenta para o empoderamento e resistência.

## Práticas de leitura e subjetividades entre alunos do pré- universitário

Nosso primeiro contato com o campo de estudos, o cursinho Alternativa, se deu em 2017 e o momento de ida a campo foi importante para que conhecêssemos os educandos do cursinho Alternativa. A ideia inicial de nossa pesquisa era investigar as práticas que denominamos “não convencionais” ou “não tradicionais” de leitura, a fim de pensar na leitura que ocorria também no âmbito da Internet como em sites de notícias, *blogs* ou redes sociais. Todavia, conforme o estudo foi avançando, o campo nos mostrou que a leitura tradicional de livros impressos e a leitura de textos realizada no âmbito digital não devem ser vistas de formas separadas, uma vez que um tipo de leitura complementa a outra. Assim, outras inquietações surgiram centradas na investigação das práticas de leitura dos grupos populares de Santa Maria - RS e ainda nas possibilidades de leitura que as culturas digitais proporcionam para os estudantes de um cursinho popular da cidade.

Desse modo, nossa primeira estratégia de inserção no campo foi realizar a aplicação de questionários a fim de proporcionar nosso primeiro contato com os alunos. Nosso objetivo com a aplicação dos questionários também era de captar pistas a respeito dos contextos em que os alunos estavam inseridos, além de ter sido uma técnica importante para mapearmos as práticas de leitura recorrentes entre os estudantes. Entretanto, nosso campo de pesquisa possuía uma particularidade: todos os anos o cursinho recebe novos alunos e alunas. Nesse sentido, nos anos seguintes em que ocorreu o nosso estudo (2018 e 2019) percebemos que era necessário repetir este passo. Em nossa pesquisa compreendemos que técnicas como a aplicação dos questionários, por se tratarem de dados qualitativos, embora não sejam o foco de etnografias, se tornaram estratégias de pesquisa que nos ajudavam a dar os “primeiros passos novamente” e a ter contato com as novas turmas do cursinho nos três anos em que ocorreram o estudo, além de oferecerem um panorama a respeito do perfil dos alunos, auxiliando também a coordenação do pré-universitário.

Entre os anos de 2017, 2018 e 2019, aplicamos 271 questionários, realizamos quatro rodas de conversa e três entrevistas. Com o levantamento e tabulação dos dados dos questionários observamos a crescente associação da leitura às mídias digitais, além

de ter sido possível perceber entre os alunos, aqueles que não apenas leem, mas também produzem conteúdos a respeito de suas leituras em mídias sociais como o *Facebook* ou ainda em *fanfictions* (textos produzidos por fãs de sagas, séries, livros ou filmes). A tendência observada reflete o que Benkler (2015) identificou. De acordo com o autor, a Internet oferece hoje uma possibilidade de inversão radical à lógica da economia da informação industrial que imperou com a indústria fonográfica e *Hollywood* durante o século XX, pois constitui o primeiro meio de comunicação que expande o seu alcance mediante à descentralização da produção e distribuição da informação, cultura e conhecimento.

No primeiro ano, em 2017, os questionários possuíam um foco diferente. Como nossa primeira ideia fora mapear as práticas de leitura não convencionais, as questões procuravam investigar os tipos de leituras que os educandos realizavam no âmbito da Internet. Já, em 2018 e 2019, passamos a não atentar apenas em questões a respeito da leitura no âmbito da Internet (com perguntas como: “cite uma ou mais páginas no *Facebook* que você goste de ler os conteúdos publicados”) e passamos a focar em questões a respeito das práticas de leitura de um modo geral (com perguntas como “quais desses tipos de leitura você costuma fazer?”). As primeiras seis perguntas do questionário nesses anos tiveram por objetivo traçar um perfil dos estudantes a respeito de gênero, faixa etária, bairro em que moram, forma de conclusão do ensino médio e acesso a dispositivos digitais e Internet. Nas questões seguintes os alunos foram questionados a respeito de suas práticas de leitura, consumo de livros e culturas digitais.

Observamos ainda, a partir da tabulação dos dados dos questionários aplicados entre 2018 e 2019<sup>3</sup>, que os educandos se encontram inseridos no contexto das culturas digitais por possuírem *smartphones* e computadores pessoais. Além disso, 141 respondentes afirmaram ter acesso à Internet em suas casas, ao passo que 119 estudantes também responderam que se mantêm conectados através dos dados móveis nos *smartphones* e que, ainda, 39 alunos afirmaram utilizar a Internet na casa de amigos, vizinhos ou familiares.

Quando questionados em quais locais preferem fazer leituras, 146 respondentes afirmaram que preferem suas casas, ao passo que 43 respondentes destacaram que também aproveitam o período em que estão no transporte coletivo da cidade para ler. Diante disso, identificamos que os *smartphones* e computadores pessoais fazem parte do dia a dia dos alunos do cursinho, representando assim as tendências observadas por Miller et al. (2016) a respeito de um impacto mais profundo das mídias sociais sobre aquelas populações

<sup>3</sup> Entre os anos de 2018 e 2019, 176 alunos responderam os questionários.

que eram mais restritas (como os grupos populares), gerando maior emancipação para as populações marginalizadas, de acordo com o autor.

Após a etapa de aplicação e tabulação dos dados obtidos com os questionários, realizamos quatro rodas de conversa no decorrer da pesquisa, cujo objetivo foi promover o debate entre os educandos a respeito de temas como práticas de leitura e ainda as principais motivações para o ato de ler. As rodas de conversa realizadas permitiram a integração das turmas do cursinho entre os três anos de pesquisa e os relatos aqui descritos fazem parte da fala literal dos participantes da pesquisa. Observamos no ano de 2017 que havia entre os educandos aqueles que além de apreciarem a leitura tradicional do livro impresso, também gostam da leitura no âmbito digital, apesar das ressalvas, conforme relatou uma das alunas:

*Eu gosto de ler livro na mão, mas eu também leio livro em PDF. Eu tenho aplicativos que tem livros inteiros, daí às vezes é bom de ler no ônibus [...] Só não é uma leitura que tu vai ficar horas lendo. Que nem a colega falou... cansa!* (Relato de uma aluna durante a roda de conversa).

Essa etapa, portanto, foi importante para propiciar maior aproximação com aqueles estudantes e leitores que tinham interesse em participar da outra etapa da pesquisa (as entrevistas), além de provocar algumas inquietações como o fato de alguns educandos que não gostam de ler atribuírem esse fato à escola tradicional e às leituras obrigatórias impostas nos ambientes educacionais, conforme apontado por uma educanda:

*[...] eu acho que essa de não gostar de leitura está muito ligado à escola tradicional. Tipo, tu vai para o cantinho da leitura e o teu castigo é ir lá, pensar ou pegar algo para ler. Acho que é muito ligado a isso, tu vai lá e tem que ficar lendo um livro em silêncio* (Relato de uma aluna do cursinho Alternativa durante a roda de conversa).

A fala dos educandos, nesse aspecto, vai ao encontro das observações de campo no Brasil descritas por Miller *et al.* (2016), em que os pesquisadores observaram que os professores tinham a tendência de verem as mídias sociais como a “Internet ruim” – causando efeitos de distração nos alunos, gerando um impacto negativo e prejudicial aos estudos. Fato esse também observado nas falas dos educandos quando afirmam que

para a escola o local da sala de aula não é o local do celular e que a leitura ou o estudo estão sempre associados ao momento do silêncio e não à distração, característica que seria atribuída à navegação nas mídias sociais ou no momento da escuta de músicas. Ainda, de acordo com o relato dos alunos, a leitura deveria ser algo leve e fluído e que os professores deveriam incentivar a liberdade de escolha dos alunos com relação às suas próprias leituras.

Além disso, o incentivo à leitura, na visão dos alunos, deveria partir daqueles assuntos que mais interessariam aos estudantes sem que eles tivessem a obrigação de terem apenas que ler os livros obrigatórios para os exames nacionais ou para as provas escolares. Embora essa obrigação pareça perturbar a maioria dos estudantes, em suas falas durante as rodas de conversa, observamos que eles também reconhecem a importância da leitura de clássicos como “Grande Sertão: Veredas” e “O Tempo e o Vento”, para o conhecimento da cultura brasileira e da cultura do Estado do Rio Grande do Sul.

Interessante observar que Chartier (1999, p. 104), ao ser questionado a respeito do afastamento das classes mais jovens com relação à leitura, aponta que aqueles que são considerados não leitores leem, “mas leem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima”. Essa obrigação escolar é uma questão que vem sendo observada em diversas pesquisas a respeito da temática da leitura. A pesquisadora brasileira Isabel Travancas (2012), ao entrevistar adolescentes do ensino fundamental e médio de escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro, identificou que a leitura ainda que prazerosa para alguns de seus interlocutores era frequentemente associada à obrigação escolar. Além disso, Travancas (2012) observou que a ideia de leitura como algo “chato” aparecia com frequência nas falas de seus entrevistados.

Diante disso, também não acreditamos que a leitura deveria ser algo imposto pela instituição escolar, e o que pretendemos discutir neste trabalho é justamente a ideia de que outras formas de leitura, como as que ocorrem no âmbito das culturas digitais, podem ser portas de entrada para a leitura no sentido mais tradicional (com relação ao suporte impresso) ou até mesmo para outras possibilidades de leitura não levadas em consideração pelo ambiente escolar. Afinal, concordamos com as palavras de Chartier (1999) que afirma: “é preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude [...]” (CHARTIER, 1999, p. 104).

No ano de 2018, a temática da roda de conversa foi “os desafios de ser leitor em tempos de distração” e para esse debate, selecionamos algumas questões referentes aos

questionários para discutir com os educandos a respeito da relação entre leitura e Internet e sobre quais eram suas principais dificuldades de leitura. Durante a conversa neste ano, observamos que quanto menor a faixa etária dos alunos, maior era o entusiasmo frente às possibilidades de leitura geradas pela Internet. Por outro lado, os educandos com mais de 40 anos, se referiam ao aspecto de vilania da Internet, pois a rede mundial de computadores estaria fazendo com que os jovens não lessem, ou nas palavras de um aluno “*acredito que a Internet distraia os mais jovens*”.

Além disso, durante a roda de conversa em 2018, propomos a realização de uma dinâmica em que os estudantes foram convidados a escreverem em cartazes quais eram suas dificuldades com relação à leitura e as possíveis soluções para essas barreiras. Assim, observamos que as principais dificuldades de leitura apontadas pelos alunos foram o acesso, a falta de tempo, a falta de interesse, a falta de oportunidades e os distúrbios mais graves de compressão como no caso de uma educanda com dislexia.

Já no ano de 2019, a roda de conversa abordou o tema “o que é ser uma pessoa leitora hoje”. Nossa intenção era debater a respeito da visão dos alunos sobre as práticas de leitura que ocorrem no contexto das culturas digitais. Na visão dos alunos, a leitura era um instrumento que possibilitava viajar no tempo e explorar lugares novos. A leitura para os estudantes também possibilitava compartilhar conhecimentos e entender a mensagem que alguém queria transmitir. Com relação às características de uma pessoa leitora, os alunos afirmaram que um leitor seria uma pessoa criativa ao passo que também é alguém crítico e que sabe interpretar o mundo. Por isso, observamos que os alunos das turmas de 2019 possuíam uma visão mais ampla a respeito da leitura e não consideravam como leitor apenas as pessoas que gostam de livros impressos; diferente das turmas dos anos anteriores.

Identificamos ainda que os alunos que participaram da roda de conversa em 2019 gostavam de transitar entre diversas telas. Seus interesses de leitura partiam da tela do cinema, da tela do celular ou da tela do computador. Os estudantes assistiam aos filmes como “Senhor dos Anéis” e “Harry Potter”, ou a séries televisivas como “*Game of thrones*” e tinham vontade de ler os livros que lhes deram origem. Todavia, dificilmente os alunos compravam aqueles livros: “*são muito caros*”, contavam-nos os leitores. Dessa forma, os alunos acessavam as obras através de *downloads* na Internet ou até mesmo a partir das *fanfictions* produzidas por outras pessoas e disponibilizadas nos sites.

As rodas de conversa, portanto, possibilitaram um diálogo com os estudantes

através de dinâmicas e atividades mais lúdicas. O que observamos a partir da realização de tais atividades, entre os três anos de pesquisa, foi o fato de os alunos que gostam de ler ou que já possuíam o hábito da leitura são os que demonstram primeiro o maior interesse em participar da etapa das entrevistas em profundidade. Identificamos ainda que para os estudantes que gostavam de ler, conversar sobre leitura era algo que lhes dava prazer. Os leitores do cursinho Alternativa gostavam de serem ouvidos, de contar histórias e de falar sobre o que estão lendo ou de conversar sobre o que pensam a respeito do ato de ler. Na sequência, as histórias que serão contadas são de leitores que após a realização das rodas de conversa demonstraram interesse em participar da etapa das entrevistas em profundidade.

## Ler para pertencer, escapar e resistir

Além da aplicação dos questionários e das rodas de conversas, realizamos também duas entrevistas em profundidade, a partir de um roteiro semiestruturado. Os áudios das entrevistas foram gravados mediante autorização dos interlocutores e posteriormente foram transcritos. Neste artigo abordaremos apenas quatro entrevistas, das oito que foram realizadas com os alunos do cursinho, cujos nomes foram alterados a fim de que possamos preservar suas identidades.

Dessa forma, conhecemos a história de Bianca, que lê para adquirir conhecimento. A leitora de 18 anos sente-se menosprezada perante a família que desaprova sua orientação sexual. Bianca, dessa forma, sente que ao ler adquire mais conhecimento, não só do mundo, mas também de si, conforme relatou: *“para mim leitura é autoconhecimento. Me abriu novas possibilidades de conhecimento do mundo. A leitura para mim é empoderadora”*. (Relato da aluna Bianca durante a entrevista). A trajetória da leitura para Bianca iniciou aos 13 anos e de acordo com a aluna foi sua mãe a responsável por lhe transmitir o prazer pelo ato de ler. Segundo destacou: *“minha mãe tem 50 anos e ela super lê livros, mas pra ela é leitura tanto tu ler no Facebook alguma notícia ou informação e tu ler livro sabe”* (relato da aluna Bianca durante a entrevista). Observamos, assim, que foi a partir da mãe que Bianca construiu uma visão mais ampla com relação à leitura. Bianca também nos contou que não possuía muitos amigos no período escolar; então ia para a biblioteca de sua escola procurar na leitura uma espécie de companhia. Além de ler para adquirir conhecimento, Bianca também lia para se entreter.

Com relação às mídias sociais, Bianca afirmou usar o *Skoob* (rede social dos leitores), pois lá a aluna descobre vários livros e a plataforma como um espaço de organização das leituras que realizou. Além disso, Bianca também possui um *Tumblr* (plataforma que permite os usuários publicarem textos, fotos e vídeos) e nos relatou que através dessa plataforma descobriu novos autores e novos textos e que ali busca caminhos alternativos para se expressar e representar o mundo no qual faz parte. Por isso, Bianca relatou que produz poesias marginalizadas, e nas suas poesias descreve a realidade por ela vivenciada: “*eu uso bastante a Internet. Eu gosto bastante. Tipo até porque eu escrevo, eu tenho meu Tumblr. Eu tenho o meu blog, então eu sempre fui muito da Internet*” (Relato da aluna Bianca durante a entrevista).

Assim, concordamos com Miller e coautores (2016), que em seu projeto (assim como observamos também em nossa pesquisa de campo), reconheceram que a mídia social expande as nossas capacidades, mas que ainda assim, não muda a nossa humanidade essencial. Nesse sentido, Bianca, ao pensar de ser uma leitora tradicional que lê livros impressos, utiliza as mídias sociais para expressar seu sentimento com relação à realidade a sua volta. É através da produção de poesias marginalizadas que Bianca fala sobre o que é ser mulher em uma periferia, divide seus anseios, suas dificuldades e lutas e cria um espaço em que pode ter voz e visibilidade. Por isso, Miller e coautores (2016) nos indicam que toda a mídia sempre foi social e que as plataformas digitais não são apenas instalações técnicas; mas representam também um relacionamento, ou de acordo com os autores uma espécie de amigo que potencializa o que temos de mais humano: a nossa capacidade de nos relacionarmos uns com os outros e de representarmos o mundo em que vivemos.

Percebemos então, que a leitura para Bianca representa o estar no mundo e o resistir a discriminações. O ato de ler proporciona para a aluna um espaço de acolhimento, um local em que Bianca pode ser quem realmente é, independente da desaprovação de sua família. De acordo com a antropóloga francesa Michèle Petit (2008), que estudou a relação entre juventude, periferia e leitura, o ato de ler contribuía para que os jovens moradores de bairros periféricos franceses participassem ativamente da construção de si e da própria identidade, além de gerar novas formas de sociabilidades. Seguindo a ideia de Petit (2008), de que a leitura proporciona um espaço para a construção de si, entendemos que no caso de Bianca, a leitura e a escrita são formas de resistência. Ao escrever sobre a sua realidade nas poesias marginalizadas, Bianca encontra uma forma de resistir à

invisibilidade da sociedade com relação aos grupos populares e sua orientação sexual. Por isso, observamos que o argumento de Spyer (2018) também nos ajuda a entender que as mídias sociais estão tornando as pessoas mais visíveis do que antes.

Além disso, entendemos que Bianca era invisibilizada por sua família, ao passo que é na Internet que a educanda encontra um espaço para existir. De acordo com Freire Filho (2007), a ideia de resistência não se refere apenas a um “movimento passivo ou reativo contra o bloco de poder”, mas também refere-se a uma ideia diversa e plural “vinculada a experiências (mesmo que temporárias) de empoderamento e reatualização significativa do self, de relativização de identidades e de recusa das formas normais ou convencionais de comunicação e relacionamentos sociais cotidianos” (FREIRE FILHO, 2007, p. 52). Desse modo, para Freire Filho (2007), resistir é antes de tudo existir. Acrescentamos ainda que devido ao seu amor pelos livros, Bianca realizou a prova do ENEM e foi aprovada em 2018 para ingresso no curso de Letras na UFSM e em 2019 se tornou monitora da disciplina de Literatura no pré-universitário.

A segunda entrevista foi realizada com a aluna Ana, de 18 anos, que quando criança se viu diante uma situação dramática. Aos sete anos Ana descobriu uma insuficiência renal crônica e, em decorrência da doença, precisou enfrentar um transplante de rins. Nove anos após o transplante, Ana descobriu que o rim que havia recebido sofreu um processo de rejeição, sendo necessário mais uma vez entrar para a longa fila do transplante de órgãos. Aos dezessete anos, Ana conseguiu um doador compatível e passou mais uma vez pela cirurgia. Foi durante sua estada no Hospital da Criança Santo Antônio em Porto Alegre, onde realizou todo o seu tratamento, que Ana passava o tempo e o doloroso processo de diálise lendo, conforme relatou:

*Eu lia porque eles incentivavam, tinha um projeto no hospital. [...] eles [voluntários] levavam livros e diziam ‘tu quer ficar com esse tal livro? [...] A leitura se tornou um passatempo. Qualquer coisa que tu faça fora do contexto de hospital que é só remédio vira um passatempo, pra esquecer um pouco da realidade (Relato da aluna Ana durante a entrevista).*

Para Ana, os livros que marcaram a sua vida foram *A Cabana* e a saga *Fallen*. Com a leitura da saga, Ana virou fã da escritora Lauren Kate e passou a segui-la nas mídias sociais e a lhe enviar mensagens (via *directs* no Instagram), demonstrando a proximidade



possibilitada pelas plataformas digitais entre autores e leitores, ainda que nunca tivesse obtido uma resposta da escritora norte-americana. Essa tendência reflete as observações de Miller et al. (2016) com relação ao conceito de *sociabilidade escalonável*<sup>4</sup> que, de acordo com os autores se refere a uma previsão de como as novas plataformas irão colonizar outros espaços ao longo das escalas do tempo e espaço, possibilitando a simultaneidade da comunicação e a morte da distância física. Já, com a leitura do livro *A Cabana*, Ana relatou sentir uma ligação mais profunda devido a sua religião, conforme destacou:

*[...] eu choro lendo aquele livro, eu sinto uma emoção tão grande sabe porque eu mesmo sou super fã de Deus e parece que é tudo muito lindo, [...] como ele [o autor] conta na história o sentimento do próprio pai ao perder a filha sabe, eu vejo isso muito na visão de pais, então eu acho tão bonito (Relato da aluna Ana durante a entrevista).*

Observamos, portanto, que o ato de ler proporcionava para Ana uma rota de fuga, o local em que a aluna encontrava distração, entretenimento e escape. De acordo com Petit (2008), em algum momento de nossa vida iremos nos deparar com um texto que faça sentido e que gere em nós uma parcela de esperança. Para a autora, a leitura pode despertar em nós regiões que estavam adormecidas. Nesse sentido, se a leitura é uma história de encontros, ela é também uma história de refugiados, um local de escape e alternativas.

Todavia, conforme alerta Petit (2013), não devemos ser ingênuos a ponto de pensar que a leitura poderia acabar com a violência e com a discriminação, mas que ainda assim a leitura proporciona desvios e fugas. Para a pesquisadora francesa, a leitura permite que o leitor olhe mais para dentro de si, descubra e forme sua própria identidade encontrando outro caminho possível. Não significa que, ao se tornarem leitores, os moradores das periferias não se deparem mais com atos discriminatórios; mas talvez encontrem na leitura a força que precisavam para entender que possuem um papel importante na sociedade. A leitura, então, traça outros caminhos, outras possibilidades e outros horizontes até mesmo em lugares onde parecia não haver nenhuma alternativa, afinal “[...] o leitor não consome passivamente um texto, ele se apropria dele, o interpreta, deturpa seu sentido, desliza sua fantasia, seu desejo, suas angústias entre as linhas e as mescla com as do autor. É aí, [...] que o leitor se constrói” (PETIT, 2013).

<sup>4</sup> Tradução nossa para o termo proposto por Miller et al (2016, p. 231): *scalablesociality*.

Ana também relatou que prefere realizar as suas leituras no suporte impresso, pois acredita que o suporte impresso é melhor para fazer marcações e anotações: “*não gosto de ler no celular, nem no computador então os que eu baixei em PDF eu imprimi*” (relato da aluna Ana durante a entrevista). Embora Ana prefira o papel, é em seu *smartphone* que a aluna encontrou uma facilidade para a leitura em seu dia a dia. Devido a sua religião, Ana nos contou que a Bíblia é a sua leitura diária. Contudo, a estudante baixou o aplicativo da Bíblia para o celular para ter o livro sempre a sua disposição, conforme relatou:

*[...] eu baixei tanto pra mim não precisar estar com livro assim na mão [...] e pra não precisar ficar pegando o livro no ônibus de pé e não estar com o livro pesado né! E pelo celular abre ali e dá uma lida. O meu “pão no fim do dia” que é a história de um dia e daí conta do versículo, fala de alguma coisa da Bíblia e daí eu já leio ali entendeu? **No celular é rapidinho, mas daí eu marco ele completo pra mim ler em casa** (relato da aluna Ana durante a entrevista, grifo nosso).*

Desse modo, identificamos que a Bíblia é um livro cotidiano para Ana, então a aluna não se importa de lê-lo em qualquer tipo de plataforma, seja no suporte impresso ou no celular. No caso da leitura da Bíblia pelo celular, a aluna indica que é uma questão de praticidade e facilidade, pois com o livro em seu *smartphone*, Ana pode ter acesso a Bíblia em qualquer lugar, até mesmo no transporte público, segundo relatou. Por fim, com as histórias de Ana e Bianca, observamos em nosso campo de pesquisa que as alunas são leitoras tradicionais que têm apego aos livros no suporte impresso e preferem fazer suas leituras no papel, mas que ainda assim transitam pelas telas dos *smartphones* e computadores para realizarem algumas leituras que complementam as leituras feitas no papel ou até mesmo produzir textos.

Outra história que conhecemos durante as entrevistas em profundidade foi a de Rafael, um menino de 21 anos. Rafael nos contou que sua mãe havia estudado somente até o quarto ano do ensino fundamental e não sabia ler; por isso, seu maior incentivo para a leitura dentro de casa partiu de sua irmã mais velha: “*ela lia comigo*”, nos contou o estudante. Durante a realização da entrevista notamos que Rafael usava um cachecol da *Grifinória* – uma das quatro casas de *Hogwarts* - a escola de magia e bruxaria onde o bruxo mais famoso da literatura estudava. Então, logo perguntamos ao aluno qual livro havia marcado a sua vida, ao passo que nos respondeu: “*Poxa! eu acho que foi Harry*

*Potter... foi um dos primeiros que eu li e me apaixonei assim né, de montão. Tanto que eu tenho tatuagem”* (relato do educando Rafael durante a entrevista).

Outro aspecto interessante foi o fato de que Rafael nos contou que quando conseguiu adquirir seu primeiro *smartphone* com acesso à Internet, sua primeira medida havia sido realizar imediatamente o *download* de todos os livros da saga Harry Potter para ler em seu celular. O aluno relatou que naquele período já havia lido o primeiro livro da saga britânica, mas foi a partir do momento em que adquiriu o *smartphone* que passou a ler todos os livros de Harry Potter, conforme destaca:

*Tipo quando eu consegui meu primeiro celular com Internet a primeira coisa que fiz foi baixar todos os Harry Potter porque eu gostava muito. Eu tinha lido o primeiro e gostava muito! Daí eu li ele de madrugada, antes de dormir, [...] todo o dia de madrugada eu lia um pedaço! Daí eu pegava no sono e dormia. Mas todo o dia de madrugada! Foi assim que eu li todos os Harry Potters* (relato do educando Rafael durante a entrevista).

Além disso, ao escutar Rafael, descobrimos que o aluno não fazia distinção entre a leitura realizada por meio do livro ou pela tela do celular. Rafael nos contou que o celular facilitou seu hábito de leitura. Os livros físicos, de acordo com o educando, geralmente possuem fontes pequenas e devido ao seu problema de visão, sente-se mais confortável lendo através do *smartphone*, pois consegue ampliar o tamanho da fonte. A única desvantagem de leitura, segundo Rafael, é que ao ler um PDF no celular não é possível fazer marcações. Assim, foi através *download* do aplicativo para leitura no celular da *Amazon* (o *Kindle*) que o aluno passou a ler com uma frequência ainda maior. Além das facilidades já mencionadas, Rafael também utiliza com frequência o *Google Lens*, um aplicativo de reconhecimento de imagem. Dessa forma, quando o aluno está lendo no livro físico e não sabe o significado de alguma palavra, Rafael recorre ao *Google Lens* para descobrir algum sinônimo; fato esse que agiliza a leitura. Diante disso, observamos que Rafael lê para se atualizar e para conhecer melhor o mundo em que vive. Além disso, o aluno se sente pertencente a uma comunidade de fãs de Harry Potter e utiliza com frequência os adereços da saga britânica. Por fim, ainda entendemos que Rafael é um leitor de tela. De acordo com Chartier (1999), os leitores de tela desfrutam de uma característica especial: a possibilidade de intervenção no texto:

No livro em rolo, como no códex, é certo, o leitor pode intervir. Sempre lhe é possível insinuar sua escrita nos espaços deixados em branco, mas permanece uma clara divisão, que se marca tanto no rolo antigo como no códex medieval e moderno, entre a autoridade do texto, oferecido pela cópia manuscrita ou pela composição tipográfica, e as intervenções do leitor, necessariamente indicadas nas margens, como um lugar periférico com relação à autoridade. Sabe-se muito bem – e você sublinhou os usos lúdicos do texto eletrônico – que isso não é mais verdadeiro. **O leitor não é mais constrangido a intervir na margem**, no sentido literal ou no sentido figurado. **Ele pode intervir no coração, no centro** (CHARTIER, 1999, p. 88 e p. 91, grifo nosso).

Ainda, com relação aos leitores de tela, Canclini (2008) indica que hoje não há uma definição de certo ou errado a respeito do que é um livro ou do que é ser leitor. Para o autor, essas fronteiras misturaram-se e diluíram-se de modo que compreendemos a partir da leitura de Canclini (2008) que não existe apenas um modo de ser leitor hoje, pois em nosso campo de pesquisa temos observado uma multiplicidade de práticas de leitura que ocorrem diante das telas dos *smartphones* ou dos computadores e também diante do tradicional livro impresso. O historiador Fischer (2006) também traz uma ressalva ao afirmar que embora muitas pessoas acreditem que a Internet ou as telas dos *smartphones* podem terminar com a leitura no modo tradicional, o autor não concorda e acredita que a leitura continuará a ter o seu espaço no futuro e conclui: “[...] o PC moderno promoverá a leitura tanto quanto o fez o surgimento da imprensa, há mais de quinhentos anos, pois a revolução eletrônica é sobretudo uma revolução da leitura” (FISCHER, 2006, p. 315).

Outra história que conhecemos foi a de Milena, uma jovem de 17 anos moradora de um bairro periférico da cidade de Santa Maria – RS. Milena, que se formou no ensino médio no final do ano de 2019, nos contou durante a entrevista em profundidade que se inscreveu no cursinho Alternativa para conseguir estudar melhor para as provas do ENEM. A aluna possui uma rotina cansativa de deslocamento de casa para a escola e para o cursinho. O bairro em que Milena mora é distante do centro da cidade, onde a sua escola e o pré-universitário estão localizados. Por isso, é durante o período em que Milena está no transporte público, que a estudante aproveita para ler ou estudar, segundo relatou: “*esses dias eu vim estudando pra uma prova do colégio! É o tempo que a gente aproveita né?*” (relato da aluna Milena durante a entrevista).

Além disso, Milena nos contou que se considera uma pessoa leitora e que gosta de ler, entretanto, uma das maiores dificuldades que a aluna enfrenta é a falta de tempo para ler o que gostaria. Milena relatou que tem o desejo de ler mais assuntos do seu interesse, porém, as exigências escolares e a pressão do último ano do colégio acabam fazendo com que a estudante não consiga dedicar o tempo que gostaria para ler. Milena também relatou que considera que obteve incentivo à leitura por parte da mãe, que lia para a aluna no período da infância: *“sempre tive incentivo, desde pequenininha aqueles livros da Barbie, a minha mãe sempre comprou pra me incentivar”* (relato da aluna Milena durante a entrevista).

Quando perguntamos para Milena o que seria uma pessoa leitora, a estudante demonstrou ter uma visão mais ampla com relação à leitura, pois afirmou: *“eu acho que não é tipo ler 10 livros por dia sabe, tem muita gente que pensa isso... não! É tu ler uma coisinha aqui, uma coisinha ali, isso é ser leitor sabe”* (relato da aluna Milena durante a entrevista). Milena também relatou que devido à prova de redação do ENEM costumava ler a respeito das atualidades para se manter informada: *“se eu gosto do assunto eu leio, eu gosto de ler sobre o que tá acontecendo hoje em dia assim [...] eu procuro estar sempre atualizada pra não tomar como surpresa o tema”* (relato da aluna Milena durante a entrevista).

Além da leitura de notícias, a aluna também costuma ler conteúdos nas páginas do *Facebook* que curte. Os conteúdos que Milena mais gosta de ler nessa mídia social dizem respeito ao movimento feminista, conforme pontua: *“tem uma [página] sobre feminismo que eu adoro ler sobre, todo o dia eu gosto de ler as matérias que elas postam, acho bem interessante* (relato da aluna Milena durante a entrevista). Milena ainda destacou que considera a leitura um instrumento capaz de gerar empoderamento da mulher e argumentou: *“o conhecimento sempre é a base de tudo né e cada vez que a gente lê, ajuda mais”* (relato da aluna Milena durante a entrevista).

Nesse sentido, compreendemos que Milena é uma leitora de fragmentos de textos. A pesquisadora Petit (2013) destaca que ainda que os jovens não se tornem leitores de obras completas, quem lê pode encontrar dentre todas as obras já escritas no mundo, alguma que saberá dizer a eles algo em particular. Por isso, a autora compreende que a leitura, ainda que de fragmentos de textos, poderia trazer, aos jovens, respostas para seus questionamentos mais profundos, e assim “[...] ler lhes permite descobrir que existe outra coisa, e lhe dá a ideia de que poderá se diferenciar de seu entorno, **participar ativamente de seu destino**” (PETIT,

2013, p.108, grifo nosso). Petit (2008) ainda afirma que os leitores mesmo extraindo apenas alguns fragmentos do texto “deslocam o ponto de vista a partir do qual se pensam ou pensam sua relação com o mundo” (PETIT, 2008, p. 57). Por isso, a partir de nosso referencial teórico abordado entendemos que a leitura é esse instrumento que proporciona um espaço para a construção das identidades dos alunos, mas que permite também um espaço para fuga, resistência e pertencimento.

## Considerações finais

Conforme discutimos ao longo do artigo, observamos que o consumo da tecnologia tem sido um aliado importante para a possibilidade de abertura para outros tipos de leitura. É por meio da Internet, das plataformas digitais e dos *smartphones* que os leitores do cursinho Alternativa adquirem em suas leituras mais conhecimento e atualização, além de representar também uma forma de entretenimento. Além disso, observamos entre os estudantes aqueles que seguem seus escritores favoritos nas mídias sociais e acompanham suas postagens. Percebemos ainda que a maioria dos alunos considera a leitura uma atividade importante e que, portanto, em suas visões, não deveria ser uma atividade imposta nos ambientes escolares.

É a partir das mídias sociais que os alunos do cursinho, além de consumirem conteúdos produzidos por terceiros, produzem os seus próprios textos das poesias marginalizadas, como no caso de Bianca, revelando o fato descrito por Chartier (1999) de que hoje os leitores de tela podem interferir diretamente no coração das obras, não mais nas margens. Conforme discutimos no artigo, podemos considerar os leitores também como produtores e internautas. Apesar da maioria dos alunos ter relatado que lê através dos *smartphones* ou do computador pessoal, também observamos entre os estudantes, aqueles e aquelas que apreciam a leitura tradicional, que aqui se mistura com a leitura mais ampla realizada no âmbito digital para trazer novas possibilidades a serem exploradas, como no caso de Ana que possui a Bíblia no celular por uma questão de praticidade.

No caso de Rafael, observamos que as leituras se complementam e se misturam. O aluno costuma ler livros impressos, mas considera que seu *smartphone* lhe traz outras possibilidades de leitura, devido ao seu problema de visão, e assim o dispositivo lhe permite ler com maior frequência. Nesse sentido, percebemos que as culturas digitais podem potencializar as práticas de leitura entre aqueles alunos que já possuem o hábito

de ler.

Diante disso, é importante destacar que cada leitor consome e atribui à leitura um sentido e um significado diferente. Para alguns alunos do cursinho a leitura representa o estar no mundo (afirmar que existe e que, portanto, resiste); caso da aluna Bianca que lia para sentir-se inteligente perante sua família que desprezava sua orientação sexual. Para outros a leitura representa um escape, uma fuga para lugares distantes de suas realidades difíceis, assim como no caso de Ana que lia para se entreter e esquecer de sua realidade conturbada durante o tratamento no hospital. Observamos, com isso, que o ato de ler tem a capacidade de trazer para o centro aqueles e aquelas que a sociedade deixa nas beiradas: as minorias, os marginalizados, as mulheres, os homossexuais, os negros, os grupos populares e todos aqueles e aquelas que de uma forma ou outra são discriminados.

A leitura, conforme observamos em nossa pesquisa de campo, desperta o que há de mais humano em nós: os nossos sentimentos. O ato de ler para os alunos do pré-universitário ora acolhe, ora distrai, ora confronta. Cria espaços para fugas e espaços para acolhimento. Permite não apenas consumir a palavra escrita, mas também produzir textos de resistência. Entretanto, conforme destacamos neste artigo, não esperamos que a leitura seja a solução para as desigualdades existentes em nossa sociedade; mas, nas palavras já citadas de Michèle Petit (2013): “mais agentes de seus destinos”.

## Referências

BENKLER, Yochai. **La riqueza de las redes: cómo la producción social transforma los mercados y la libertad**. Barcelona: Icaria editorial, 2015.

CANCLINI, Néstor García. **Lectores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador, conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: editora UNESP, 1999.

FISCHER, Steven R. **História da Leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FREIRE, Filho João. **Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da Conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Ed. Aleph, 2014.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, 2007, v. 13, n. 28, p. 33 – 63. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a03v1328.pdf>. Acesso em: abril. 2019.

MILLER, Daniel et al. **How the world changed social media**. London: UCL Press, 2016.

PETIT, Michèle Petit. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

PETIT, Michèle Petit.. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

SILVA, Sandra Rubia. ‘Com o celular é 24 horas no ar’: sobre relações de gênero e apropriação de tecnologias móveis em camadas populares. **In Texto (UFRGS. On-line)**, v. 2, p. 116-130, 2012.

SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente**. EDUSC: Local, 2018.

TRAVANCAS, Isabel. Adolescentes cariocas e a leitura. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 35., 2012. **Anais eletrônicos** [...]. Fortaleza, CE. 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/trabalhos.htm> Acesso em: 19 jul. 2019.

---

<sup>i</sup> Profa. Dra. do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM - Universidade Federal de Santa Maria. Líder do Grupo de Pesquisa “Consumo e Culturas Digitais”. E-mail: sandraxrubia@gmail.com.

<sup>ii</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria - (POSCOM UFSM). Integrante do grupo de pesquisa “Consumo e Culturas Digitais” (UFSM). Bolsista de produtividade Capes. Graduada em Comunicação Social - Produção Editorial pela UFSM. E-mail: dessa.spencer@gmail.com.